

## Por uma filosofia do buraco

Donaldo Schüler<sup>1</sup>

Recordemos o que nos transmite Diógenes Laércio, um historiador da filosofia do segundo século da nossa era: “Conta-se que Tales, ao ser conduzido para fora de sua casa por uma velhinha para observar os astros, teria caído num buraco. Esta teria ponderado: - Tales, não consegues ver o que tens aos pés e desejas conhecer o que está no céu?”

O primeiro buraco filosófico é este, outros vieram depois. Não recuemos diante do paradoxo: o buraco é o fundamento. O homem perdeu a base. Já não o amparam mitos, linguagem, política – nada. Até uma empregada ri-se dele. Uma velhinha? Outros garantem que foi uma jovem. Sobre o sexo não há divergência. Foi uma mulher. Enquanto que os homens, de tão profundos, caem no buraco, as mulheres, proverbialmente seres da superfície, riem confiantes, o solo a seus pés não cede. Com essa teoria, Baudrillard levanta-se do túmulo para bater palmas. Do herói épico, admirado, aplaudido, esplêndido, superficial, ninguém ria. Platão e Aristóteles evocam outro buraco, o da humanação. O espanto abriu um buraco entre o homem e o mundo. O homem espantado se pôs a contar histórias para explicar os mistérios do mundo em que vivia. O homem é um animal mítico por isso. O buraco de Tales veio depois. A cada buraco inesperado, abre-se novo capítulo na história do pensamento. O saber nasce da queda. Sabendo que ninguém pode socorrê-lo, o filósofo procura saída por si mesmo.

Fora de casa, Tales pisa em terreno perigoso, vive como exilado. Isso não vale só para Tales, caracteriza a filosofia. Exilado, o filósofo ergue os olhos para as estrelas, inquieta-o o espaço que se estende além dos corpos luminosos. O canto das musas conferia sentido à vida. O olhar para as estrelas problematiza os sentidos. Tales domina as estrelas pelo cálculo, prevê eclipses. Os astros já não determinam a ação dos homens. Mas as estrelas não são o fim. O mistério se localiza além das estrelas, além do cálculo, avança por uma região que foge ao cálculo. O olhar à distância abre buracos, mina o solo em que pisamos, o chão se fende, o andar torna-se inseguro, o abismo se aprofunda, abisma-se no ilimitado.

Com a velhinha, ri-se do filósofo quem não está no buraco: o homem seguro de si mesmo, o bem sucedido. Estávamos tão bem... De repente, o buraco.

Surgiu uma estética do buraco. Longe vai a segurança do homem renascentista, do homem que produzia, iluminado pelo sentimento de eternidade. Aliás, a segurança renascentista (se é que ela existiu!) não durou nada. A pintura de Miguelângelo é toda esburacada.

Nem o mundo mítico estava livre do buraco. Aos pés de Perséfone, uma jovem primaveril, saudável, florescente, abre-se uma fenda, e ela cai nos braços de Hades, o imperador do mundo das sombras. Que fazer? Perséfone passou a dividir a existência entre a vida e a morte. Perséfone poderá ser símbolo de nós todos. Perdendo a segurança do solo, a existência de Perséfone se tornou literalmente *unheimlich* (sem-lar). Pisando no vazio, ela perdeu o lar (*Heim*).

---

<sup>1</sup> Bacharel, doutor em Letras e livre-docente pela UFRGS, doutor em Letras e livre-docente pela PUCRS e pós-doutor pela USP.

Não nos assuste o buraco. Sai do buraco linguagem renovada, baluarte de mundos renovados. Para que o ir e vir se revigore, importa que o buraco se mantenha aberto. O vigor da renovação aproxima a filosofia das artes. Linguagem que não se renova fecha o buraco, aniquila a vida.

Tales de Mileto já não fala com a segurança dos cantores épicos porque sente o mundo ruir. Retorna para reorientar, mas sem a segurança que oferecia o mito. Ao propor como fundamento, em lugar da terra, a água, Tales abandona a segurança para se instalar no instável. Aberto está o caminho que passa por Joyce e alaga o terreno em pisa Deleuze. O rio que nasceu numa cidade grega da Ásia Menor, atravessado os séculos, desterritorializa o pensador francês. No trajeto Mileto-Paris, encontramos o homem trágico, ferido nos pés como Édipo.

O homem é vítima e autor dos buracos em que cai. Na queda, o homem é causa e corpo precipitado. No buraco, inventa linguagens. Sempre que a consciência do buraco se aprofunda, a linguagem se renova. A memória nasce para recordar o que perdemos.